

Relatos de Atendimentos na Expoconscienciologia

Accounts of Attendance in Expoconscientiology

Relatos de Atendimientos en la Expoconscienciología

Julieta Mendonça*

* Professora. Bacharel em Letras. Voluntária da Associação Internacional Editares.

julietamendonca@yahoo.com.br

.....

A Expoconscienciologia, exposição permanente da Ciência Conscienciologia no Shopping JL Cataratas, na cidade de Foz do Iguaçu, é um espaço de divulgação dessa Ciência. Entretanto, mais que divulgar, a exposição tem a finalidade de buscar a simpatia da comunidade de Foz do Iguaçu para essa Ciência e para o Centro de Altos Estudos da Conscienciologia – CEAEC.

Por uma série de razões inevitáveis, a Conscienciologia em Foz, em seu início, era confundida com um grupo esotérico. Dessa forma, a Expoconscienciologia cumpre a tarefa de desmistificação, buscando trocar a desconfiança da comunidade pelo esclarecimento da Ciência.

É um espaço dirigido também aos jovens e crianças. Enquanto informa e assiste os adultos – pais dos jovens e crianças –, instrui os jovens e começa a fazer parte da realidade da criança, que, adulta, poderá ter incorporado as ideias da Cosmoética e do pensar por si mesma, a máxima do princípio da descrença, pressupostos da Conscienciologia.

É uma bolha energética multidimensional, um campo interassistencial. Para saber, aprendendo na prática, o que é interassistência, bastam alguns poucos atendimentos ao público nesse ambiente que pode ser considerado um verdadeiro laboratório de pesquisa consciencial. Você assiste e é assistido, por vezes, conscientemente, e por outras, só vai perceber depois. Anotar os atendimentos ao público em casa proporciona *insights* e percepções de parafatos, na hora desapercibidos, enriquecendo as experiências. É um excelente laboratório de autopesquisa.

Vejo na Expoconscienciologia o amparo para firmar na cidade o próprio Shopping, e vejo também que, entre os vários objetivos, este é um dos principais: assistência à comunidade.

O ato de voluntariar na Expoconscienciologia pode ser retratado no verbete *megatarefa tarística* da Enciclopédia da Conscienciologia que, segundo a definição do autor Waldo Vieira, em entrevista ao *Jornal Campus CEAEC*, ano 13, N. 150, p. 2, é o trabalho interassistencial autodeterminado pela conscin quanto ao pré-despertamento das consciências a respeito da evolução consciencial, como sendo a mais relevante no universo de desenvolvimento das tarefas do esclarecimento na megaescola da Terra, no terceiro milênio.

Claro está que, como todo empreendimento potencialmente evolutivo e interassistencial, no início, a exposição enfrentou um grande contrafluxo. Por ser um local que não se autossustenta financeiramente, sua relevância foi posta em dúvida. Apesar disso, a Expoconscienciologia, devido ao seu amparo categorizado, está firme dentro de seus propósitos, cumprindo seus objetivos. Está na hora de a assistência da Conscienciologia sair do âmbito da Cognópolis em direção à comunidade. Está na hora de irmos presencialmente até eles e não só divulgar e aguardar que venham até nós.

De igual modo à maioria das pessoas da Cognópolis, eu ignorava qual era o trabalho na Exposição da Conscienciologia (Shopping JL Cataratas). Nas poucas vezes em que estive no Shopping, visitei os colegas no trabalho e os vi sempre sozinhos, espaço vazio, sem movimento. Ficava pensando quão desinteressante seria aquele trabalho em comparação com a movimentação do trabalho voluntário em outros setores.

Depois de pouco mais de um mês de voluntariado na Exposição e de 20 atendimentos, completados em 27/05/2008, uma vez por semana, por períodos de 4 horas, considero o espaço um potente laboratório de autopesquisa e interassistência e vejo que perdi um tempo precioso montada em preceitos e preconceitos limitantes, de que o trabalho seria desinteressante, impeditivos da expansão da experiência e aprendizado.

Em casa, nos meus dias de voluntariado, pressinto a armação de situações que irão acontecer nos atendimentos que farei no dia. Sinto a presença dos amparadores me preparando. Saio na expectativa, calma, observadora, predisposta à assistência. Por duas vezes, mal cheguei ao *stand* da exposição, sem nem ter tempo de organizar as coisas, chegaram as pessoas. São atendimentos, às vezes, contínuos, outras vezes poucos, mas densos.

Logo após a produção deste texto, aconteceu um fato que veio corroborar a ideia citada acima, de que a Expoconscienciologia fará parte da realidade da criança que, adulta, terá incorporado as ideias básicas da Conscienciologia. Estava ao computador na mesinha lateral, conversando com o colega, professor Jayme Pereira (em visita ao Shopping), quando irrompe pela sala uma jovenzinha, pré-adolescente de uns 10/12 anos, acompanhada de um rapazinho da mesma idade. Entrou decidida e sentou-se na poltrona. Surpresa, parei e dirigi-me à menina com suavidade: “quer alguma coisa, fazer alguma pergunta”? A menina: “Não, não, não...” Como a dizer: “não, por favor, eu só quero ficar aqui...”. Falei: “está bem, fique à vontade” e já ia voltando para a mesinha quando ela falou, olhando para o colega que ficara de pé ao lado da poltrona, meio desconcertado: “não acredite em nada”. Achei então que entrou ali para mostrar o princípio da descrença para ele, que olhava com um jeito ainda desconcertado. Surpresa, sorri e disse algumas palavras sobre não ser bom sair acreditando nos outros sem pensar. Enquanto eu falava – e falei muito pouco, apenas o essencial – o menino foi abrindo as energias, fechadas até então. Voltei para meu lugar e eles saíram da mesma forma decidida como entraram.

Quase no horário de fechar – era domingo – o pesquisador Waldo Vieira entrou na sala, acompanhado da mesma menina, que agora estava na companhia de uma coleguinha. Entrou falando que a menina perguntara se ele era famoso porque o tinha visto na televisão da sala, no vídeo. Disse ao professor que ela já estivera ali com um menino, mostrando para ele o “não acredite em nada”. O professor Waldo falou mais sobre o princípio da descrença e mostrou-lhe a torre de folhas de papel e as canetas para anotar, ensinando-me a falar sobre a importância das anotações para a autopesquisa àqueles visitantes interessados no assunto. Esse relato tem o objetivo de demonstrar a interassistência que ocorre na Expoconscienciologia, oferecendo apenas pálida amostragem da interassistência que ali acontece, provando ser o local um potente laboratório de interassistencialidade.

Passo a relatar 3 dos atendimentos ao público feitos até aqui, dia 27.05.2009. Por meio deles, poderão julgar por si próprios a importância do trabalho interassistencial realizado na Expoconscienciologia. Estão indicados pela data do atendimento:

ATENDIMENTO 1

18.05.2008

Uma senhora, 60 anos, parou e olhou intensamente o *stand*. O filho e a nora esperaram um pouco afastados.

Senti apelo para aproximar-me. Ela entrou e tivemos uma conversa de hora e pouco. Falou-me de seus problemas e necessidades. Disse que parece ter sido enviada, pois estava preocupada de vir passear em Foz do Iguaçu porque o pai podia dessorar a qualquer hora.

Essa senhora era viúva e “sonhava”, sempre com o marido, com o qual não queria sonhar. Baseada no relato, mostrei que era, possivelmente, uma projeção. É pessoa positiva e bem amparada. Ajuda as pessoas sem muita consciência da sua força.

Foi trazendo todos os problemas e pude ir fazendo assistência gradativamente. Soube a forma da dessoria do marido e disse de que modo poderia tranquilizá-lo em suas projeções com ele.

Pude ir explicando o fundamento e as consequências de alguns de seus medos. Estava disponível para assistir e sabia os amparadores acoplados. Em determinado momento, virei a direção da conversa; passei a mostrar soluções.

Dei a ideia de voltar a estudar. Essa ideia foi o máximo. Olhou-me com olhos vivos, como se tivesse feito grande descoberta e disse decidida, sintetizando o assunto com aquela solução para todos os problemas: “Vou estudar”. Aqui a pessoa era outra, tinha outra energia.

Soube que já quisera fazer massoterapia para ajudar as pessoas, mas uma determinada amiga lhe dissera ser perigoso porque, dependendo do tipo de pessoas, poderia ficar mal. Aqui pude voltar a falar e explicar bem as energias e pensenes, não cortando a inclinação dela para assistir do jeito que pode, sabe e quer.

Depois de mais de hora, o filho e nora sentados à espera, com boa disposição, saiu dizendo que foi muito bom conversar ali, e ficou repetindo isso. Demos um grande abraço e se foi, agradecendo.

ATENDIMENTO 2

20.05.2008

Saí de casa para voluntariar, esperando algo que estava por acontecer.

Estava lendo, quando 3 pessoas pararam. O homem com muleta e apoiado na mulher mostrou-se curioso. Ela olhou também e foi prestando atenção ao que ele estava vendo. O senhor que estava com eles parou sem interesse e olhou-me de modo estranho enquanto eu explicava a Ciência e respondia às perguntas.

Identifiquei que era aquele o atendimento esperado e pensei que o assistido fosse o homem deficiente físico: condicionamento tolo.

Fiquei sabendo que a mulher era parenta do senhor e inferi que estavam preocupados em ajudá-lo, quando a mulher foi passando informações sobre ele: motorista de ônibus, “conhece tudo em Foz” – tentando elevá-lo, enquanto eu respondia onde ficava o CEAEC. “Vive entregue à depressão, não sai de casa”. Ele então, mais aberto falou: “Moro aqui pertinho e nunca vim aqui, porque não saio de casa. Vim agora para trazê-los”.

Mais adiante, no desenrolar da conversa, o senhor finalmente falou, defendendo-se: “Fui assaltado no ônibus muitas vezes, esses caras drogados botaram revólver dentro da minha boca”.

Notei, enquanto falava para assistir, o amparador colocar a ideia na minha cabeça ou as palavras na minha boca.

O senhor falava com raiva dos jovens drogados. Falei em perdoar. Nada. Falou das feridas, disse que a ferida do coração era séria, não dava para perdoar ou esquecer. Eu disse: “Moço, já pensou que essas crianças não têm pais, comida, nada”. Ele: “E daí, eu também não tive, fui criado na roça sem nada”. Comecei a dizer algo, mas notei que meu argumento não tinha consistência. Pensei: “E agora?”. Repenti-

namente, interrompi abruptamente o que estava dizendo para falar em tom calmo e definitivo o que o amparador me ditava: “Mas o tempo era outro, a época era outra”.

O homem, apoiado na mulher, que estava dando razão ao senhor, disse quase junto comigo, parafraseando-me: “É, a época era outra”. A intervenção do homem foi decisiva; parece que o senhor o tinha em boa conta, porque disse a seguir: “É verdade, e era na roça, se eu vivesse na cidade...”.

Esse foi o momento do desassédio. O senhor mudou de semblante instantaneamente.

A mulher percebeu, porque, depois disso, foram se despedindo, movimentando-se para sair, dando força a ele para ir ao CEAEC.

O senhor disse, decidido: “Eu vou lá (CEAEC). A senhora está querendo me ajudar, mas eu tenho que querer porque não adianta se eu não quiser, eu vou lá”.

Saíram dizendo coisas positivas. A mulher falou: “Vou ficar de lá (da cidade dela) vendo as tertúlias e cobrando dele a ida até lá”.

O casal era positivo, e a mulher, forte de personalidade, tinha amor pelo marido deficiente, tratando-o com carinho e parecendo não sentir o peso dele; foi a minipeça na assistência ao parente.

RESULTADO

A repercussão depois que saíram foi a acalmia e a doação intensa de energia durante longo tempo. De volta a casa, estava acesa, cheia de energia, quando me recolhi para a tenepes. Começou uma intensa dor nas costas, na altura do chacra cardíaco, persistindo durante toda a tarefa energética, sem que eu percebesse o por quê.

Quando terminou, tomei um analgésico para a dor, mas em seguida percebi que o assediador dele viera comigo, eu o trouxera para a tenepes. Minha hipótese é a de que o senhor ficou livre da dor, da ferida no coração, que veio comigo.

Ao compreender, a dor passou de imediato.

ATENDIMENTO 3

27.05.2008

Cheguei e estava arrumando o local, quando me volto e vejo um casal bem apessoado parado do lado de fora, olhando o painel da Cognópolis.

Abordei: “Querem alguma informação”? Eles educadamente negaram, mas continuaram parados.

Ia desistir, mas me senti mal de fazer isso e me voltei para atender. Perguntei: “Conhecem a Conscienciologia”? Responderam evasivamente, como quem não quer aproximação: “Já, já conhecemos”. E continuaram parados.

Insisti: “Vocês são de Foz”? O homem prontamente respondeu: “Não”. E a mulher ficou calada. Respeitei e não insisti nisso.

Não lembro de que modo a conversa prosseguiu. Deve ter sido algo sobre o painel porque entraram e ficamos frente a ele todo o tempo.

A conversa versou sobre minha experiência com a Conscienciologia. Escolhendo os assuntos e as palavras, e colocando energia na minha fala animada, fui levando-os a conhecer a Ciência e os bons frutos – a qualidade consciencial e seu reflexo na vida que se colhe dela.

Quando falei que conheci a Conscienciologia morando em Porto Velho, e que fui para lá porque o marido foi convidado para trabalhar na empresa de energia elétrica, ele fez alusão à Hidrelétrica que

estará sendo construída lá, dizendo que ele pode “se dar bem” agora. O homem perguntou: “Ele está aposentado”? Disse que sim, mas que por ter sido presidente da empresa, o pessoal lá poderia requisitá-lo. Ao mesmo tempo em que falava, com toda lucidez do que acontecia, perguntava-me por que estava dizendo aquelas coisas.

Ao chegar em casa e anotar o atendimento, percebi que, para o casal que dá muita importância para dinheiro e poder temporal, refletindo na vida social, o fato de a mulher de um presidente de empresa de energia elétrica estar na Conscienciologia e em Foz acendeu o interesse.

Já interessado, restava o nó górdio, e o homem olhou o painel da Cognópolis e perguntou de chofre: “Como vocês conseguiram tudo isso”? Essa pergunta direta traduzia todo o questionamento dele sobre a Conscienciologia, e foi o motivo de ele ter parado para olhar o painel. Consciente desse problema da cidade em relação à Conscienciologia, parei e disse: “Olha, isso aí... (Ele me olhou e tudo dependia do que eu dissesse) nós vivemos da venda de livros” – e fiz um gesto largo indicando os tratados que valem mais – “e de cursos, nós damos muitos cursos”. Pensei, no íntimo, nos amparadores e continuei: “Sabe, (o homem interessou-se) o professor Waldo Vieira tem muitos amigos mundo afora, gente que conhece a Conscienciologia, gosta e sabe a importância disso tudo. Nós recebemos doações (pequena pausa) e aplicamos esse dinheiro (pausa imperceptível), porque não somos bobos”. A mulher disse: “É lógico”. Continuei, “senão, não é moço, como poderíamos ter tudo isso?”. O homem assentiu com a cabeça e disse: “É”.

A partir de então, seus semblantes mudaram. Assim, propositalmente, comecei a falar em autopesquisa, no trabalho que desenvolvemos para cada um melhorar a si mesmo procurando melhorar os outros à volta, sempre pensando no nosso foco que é a assistência, ajudar os outros a se melhorarem. O homem, já tocado pelo assunto, disse: “É, e trabalhar para melhorar a si mesmo não é fácil”.

Logo depois, saíram com o homem dizendo com um sorriso honesto e educado de despedida: “Vou ler sobre a Conscienciologia” e a mulher, sorrindo: “Olha, já se interessou”.

Verifico que é preciso falar claro sobre o questionamento maior das pessoas de melhor situação econômica da cidade. Jamais seremos plenamente aceitos se não formos claros e transparentes, também nesse assunto.

Esse relato é pálida demonstração do potencial de interassistência da Expoconscienciologia no Shopping JL Cataratas de Foz do Iguaçu. Que mais pessoas estejam preparadas para praticar e ao mesmo tempo usufruir desse potencial, é o que se espera.

